



Dossiê Lygia Pape: “Arte não se ensina”

Organização Fernanda Pequeno, Inês de Araújo, Marisa Flórido

Lygia Pape teve uma vinculação inicial com o Grupo Frente e com o Neoconcretismo e a partir do final dos anos 1960 passou a produzir obras mais propositivas e não-objetuais, orientadas para o espectador. Lidando com ordens, configurações e temas mais anárquicos e transgressores, seus trabalhos desse período acionavam a participação, a ironia, o humor negro e discutiam o papel da mulher na sociedade.

Tocando nas questões formais que sempre lhe interessaram, a experimentalidade de suas obras advém da quebra das categorias artísticas já nos anos 1950 e das experiências com o corpo na virada para os anos 1960. Além da herança construtiva propriamente dita, seus trabalhos produzidos a partir da década de 1960 acionaram também a abjeção, o erotismo e a escatologia, experimentando o cinema, o vídeo e o super-8, o que a torna uma das artistas mais provocadoras da arte contemporânea no Brasil¹.

Lygia Pape atuou como professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Santa Úrsula e da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua docência no Centro de Arquitetura e Artes da Universidade Santa Úrsula durante as décadas de 1970 e 1980 foi determinante na formação de importantes nomes da arquitetura e das artes visuais no Brasil. Sua atividade na Escola de Belas Artes também foi decisiva, atuando na criação da linha de pesquisa Linguagens Visuais no Mestrado em História da Arte, que posteriormente originou o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais.

Neste dossiê, interessou-nos investigar a atuação pedagógica de Lygia Pape, um viés ainda pouco pesquisado de sua atividade artística. A pergunta fundamental que nos fizemos foi: de que modo as aulas de Lygia Pape e a sua prática artística convergiram para um pensamento poético altamente experimental? O presente dossiê, portanto, objetiva investigar as relações entre arte e educação, compreendendo que a atividade pedagógica de Pape deixou uma marca diferenciada nesse binômio no Brasil,

transgredindo a formação artística tradicional, assim como as categorias estéticas. O foco desse dossiê são textos, depoimentos, entrevistas e testemunhos de pessoas que com ela conviveram, tenham sido suas alunas ou não.

“Arte não se ensina”, declarava Lygia Pape como confirmam neste dossiê, os testemunhos, textos, entrevistas e depoimentos de Lauro Cavalcanti, Cristina Pape, Fabiana Éboli Santos, Maria Moreira, Maria Clara Amado, Antonio Manuel, Nelson Felix e Ronald Duarte. Afirmativa e contraditória, a declaração da artista intriga. Logo ela, que esteve tão envolvida na criação institucional de uma outra cena de transmissão e produção de arte.

Bombástica, a declaração absorve sentidos ambíguos, ressuscita certa aura em torno da ideia de arte e do artista. Provocadora, abre margem a derivas, não deixa de lançar-se, há certo jogo; arriscar-se, há certo blefe - faz uma aposta, ou mais, ganha certo tempo. Radical, nada garante a respeito do emblemático “exercício experimental da liberdade” que incita. Sintomática, a ideia de um ensinamento não exemplar, que “não se ensina”, guarda surpreendente atualidade. Não à toa, o lugar da experiência de ensino ganhou tamanho protagonismo neste momento da nossa vida nacional; não à toa, toma a forma de uma resistência que envolve *poiseis* e política.

Imagem da Capa Lygia Pape com *Caixa das baratas* no Museu Serralves, Porto, Portugal, 1999. Fotografia: Beatriz Luz*

* Agradecemos a Luiz Felipe da Luz Bruno Lobo e a Fabiana Éboli Santos pela imagem